

CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO 1314; 1314 – Ano 30; 1ª 2ª Semanas de Outubro 2016.

Breaking Bad (Temp.1 Ep. 16) **China Urgente: comércio externo desaba e assusta resto do mundo.**

Assiste-se atualmente a um processo de desabamento sem retorno. Mas por que, exatamente, ocorre essa falência do comércio exterior chinês? Por que o motor da sua economia está fundindo? São vários motivos. Um dos mais importantes é enunciado por conhecido corolário da sabedoria econômica: quem não tem competência não se estabelece. JOSÉ MARTINS.

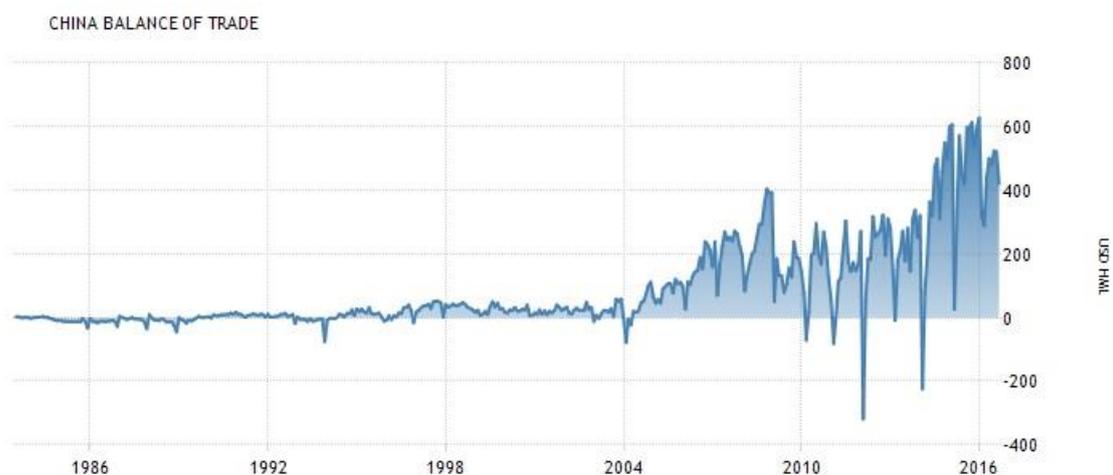
Todo mundo sabe que o crescimento da economia chinesa depende fundamentalmente de seu comércio externo. O que quase ninguém reconhece é que essa é uma estreita base de crescimento. Coisa de economia atrasada. O fato incontestável é que, diferentemente de outras grandes economias mundiais, a economia chinesa se apoia perigosamente em um modelo mercantilista: o superávit comercial – exportações menos importações – deve crescer a taxas crescentes para garantir gigantescas taxas de crescimento econômico. Uma aventura cronicamente inviável.

A produção dependente de uma droga de comércio. Desde Adam Smith, pelo menos, se sabe que o mercantilismo é uma grande idiotice. Crescimento sem desenvolvimento econômico. A ilusão dos tolos funcionou na China até pouco tempo atrás. Agora é exatamente essa ilusão que está desmanchando. Os dados publicados nesta semana a respeito são assustadores. Tem-se a impressão muito clara que está morrendo uma era que já dura mais de quarenta e cinco anos de alucinante globalização do capital. A China é a tradução mais marcante dessa era. Tanto o colapso da China quanto o da era destrambelhada da globalização (1980 em diante) serão as principais características do grande choque global que se aproxima.

“**Crescimento das Exportações da China Desabou 10% Em Setembro**”. A manchete da agência estatal chinesa de notícias *CaixinOnline* desta quinta-feira (13) não esconde o tamanho do estrago. Detalha os dados divulgados pelo departamento do comércio chinês, que leva o pomposo nome de *General Administration of Customs of the People's Republic of China*. As **exportações** declinaram 10% frente ao ano anterior para US\$184.5 bilhões, a maior queda

desde fevereiro. Foi muito pior que o declínio de 3.8% previsto pela pesquisa da Caixin entre 15 instituições financeiras.

As **importações** declinaram 1.9% frente ao ano anterior para US\$ 142.5 bilhões, a despeito de um pico de compras de duas commodities chaves – petróleo e minério de ferro utilizado na fabricação de aço. A previsão do mercado era de aumento de 1%. Registrou-se assim um **superávit comercial** de US\$ 41.99 bilhões em Setembro de 2016, comparado com US\$ 59.60 bilhões no mesmo mês do ano anterior, contrariando estimativas anteriores do mercado de superávit de US\$ 53.0 bilhões. Foi o menor superávit desde Março 2016.



Desde 1995 a China vinha acumulando consistentes superávits comerciais. A droga estava garantida. O auge deste patológico processo ocorreu entre 2004 e 2014, quando esse superávit multiplicou-se por 10. Em 2015, como um todo, o total da *corrente de comércio* (exportação + importação) da China caiu 8% - com as exportações caindo 2.8% e as importações caindo devastadoramente 14.1%, devido a um *yuan* mais fraco e à forte queda dos preços das commodities no mercado mundial.

Considerando os nove primeiros meses de 2016, o total da *corrente de comércio* continuou caindo 7.8% frente ao mesmo período do ano anterior. Exportações caíram 7.5%. Importações caíram 8,2%. Assiste-se a um processo de desabamento sem retorno. Mas por que, exatamente, ocorre essa falência do comércio exterior chinês? Por que o motor da sua economia está fundindo? *Em primeiro lugar*, por que os preços estão em queda fulminante (deflação) no comércio internacional. Não apenas os preços das chamadas commodities—matérias primas, insumos, produtos agrícolas, etc. Os preços da manufatura global – duráveis e não duráveis – caem mais profundamente que os das commodities. O volume das exportações globais aumentam em quantidade e diminuem em valor. A moeda desaparece da circulação. *Em segundo lugar*, a

concorrência no comércio internacional aumenta. E o atrasado modelo mercantilista chinês sente o baque. Quem não tem competência não se estabelece.

Mas não é o aumento da concorrência ou aumento da oferta que diminui os preços no comércio internacional, é exatamente o contrário. É a diminuição dos preços (decorrente da superprodução global de valor e de mais-valia) que aumenta a concorrência entre as nações. Essa é uma importante diferença prática, mas também teórica. Observar essa diferença e refletir sobre ela ajuda muito a entender a natureza da profunda deflação que devasta a valorização do capital global no presente ciclo econômico. Lembrem-se: do mesmo modo que se passa com a etérea oferta e demanda de utilidades, variação na quantidade de moeda, do crédito, etc. – não é a concorrência no comércio ou na produção que determina os preços no mercado, ela apenas os equaliza. Equalização dos preços e da taxa geral de lucro em patamares cada vez mais baixos, no decorrer de um ciclo econômico. O resto é especulação vulgar.

Não há política cambial, OMC, FMI e outras coisas inúteis do gênero que resolvam o problema do colapso do comércio internacional que presenciamos atualmente. As desvalorizações cambiais competitivas, por exemplo, que devem proliferar no cenário comercial nos próximos trimestres e anos, é um resultado político do processo econômico marcado pela deflação a que estamos nos referindo. A política de “arruinar o vizinho” para salvar sua própria pele (Brexit, Trump, etc.) não funciona. Nunca funcionou. Trava instantaneamente o sistema. Como mostra a história econômica do capital, tal política leva à imediata paralisia do comércio internacional e da globalização do capital. Regra geral: as guerras cambiais antecipam as guerras mundiais propriamente ditas. Resta saber criteriosamente se elas estão novamente se reencontrando neste final de ciclo. Até mais ver!